



## **O SILENCIAR DO DESEJO: ANÁLISE DO CONTO AQUELES DOIS DE CAIO FERNANDO ABREU**

Camila Fernandes da Costa - UFRN – fernandes.camila23@yahoo.com.br

Emerson Nunes de Almeida- UFRN- nunespedagogo@yahoo.com

Francisco Cristimar Bessa Simão – cristimarbessa@yahoo.com.br

Nesta pesquisa iremos analisar o conto “Aqueles dois” de Caio Fernando Abreu, situados no livro *Morangos mofados* e relacionar suas características estéticas e composicionais ao que Lourival Holanda, Roland Barthes consideram como “as vozes do silêncio”. Nosso objetivo é observar os possíveis silêncios da obra, atentando para o fator motivacional para a utilização deles. O estudo se organiza da seguinte forma: a primeira parte da pesquisa compreenderá um estudo teórico acerca do silêncio, segundo a perspectiva dos citados autores; em seguida uma contextualização do conto, considerando o quadro geral da literatura brasileira contemporânea; por conseguinte, analisaremos o conto (relação entre a teoria e a obra literária). Ao analisar os contos, perceberemos que eles possuem silêncios perturbadores, que remetem à questões sociais e estéticas. Seja um silêncio utilizado como mantenedor dos bons costumes, da moral, pois retrata um romance entre dois homens e por ser algo que não é bem visto pela sociedade (como esboçado no conto), os personagens precisam silenciar o desejo; seja um silêncio utilizado pela querência da palavra, ou seja, a palavra não esboça a emoção e o silêncio leva-nos a criar formas mais amplas que correspondem a infinidade da emoção, pois entre os personagens existe algo muito intenso e confuso, por isso não se faz possível descrever por meio de palavras o sentimento, a emoção. A partir desta análise poderá ser discutida a presença das “vozes do silêncio” como elemento que compõe a estética do escritor contemporâneo, Caio Fernando Abreu.

**Palavras-chave:** Literatura e sociedade; Literatura brasileira; Caio Fernando Abreu; Silêncio; Gênero e sexualidade.

### **INTRODUÇÃO**

O estudo pretenderá analisar o conto “Aqueles dois” de Caio Fernando Abreu, enquanto objeto estético, abarcando abordagens que discutem acerca do silêncio. Elemento recorrente na estética de autores contemporâneos, de modo geral, e em Caio F. Abreu, em particular. Enquadrando-se no viés: literatura, crítica e cultura, uma vez que procura atentar para questões estético-composicionais em obras literárias.

Ao ler a fortuna crítica de Caio Fernando Abreu, podemos dizer que não há estudos acadêmicos que dissertam à problemática do silêncio em sua obra. Nosso trabalho pretende analisar



a obra *Morangos mofados*, sobre a perspectiva do silêncio, pois a mesma é um objeto estético que insere questões à narrativa.

A pesquisa tem como objetivo geral: analisar os contos de Caio Fernando Abreu, atentando para as concepções estéticas e sociais (acerca de gênero e sexualidade) do silêncio que o estrutura. E como objetivos específicos: desenvolver uma relação entre teoria (Lourival Holanda, Roland Barthes, Puccinelli Eni Orlandi, Maria Lucia Homem) e o texto literário; e identificar as possíveis motivações para a utilização do silêncio.

## **AS MOTIVAÇÕES DO SILÊNCIO**

A fundamentação teórica que norteia a pesquisa são os textos de Lourival Holanda (1992) *Sob o signo do silêncio*, Roland Barthes (2003) *O Neutro*, Eni Puccinelli Orlandi (2011) *As formas do silêncio*, Maria Lucia Homem (2012) *No limiar do silêncio e da letra*. Nos quais ambos procuram analisar as formas de silêncios. Ambos explicitam como pode se dar o silêncio, seja por tática para não ferir com a moral de uma sociedade, a dificuldade de se expressar (ignorância), seja como arma para desmontar os paradigmas de uma sociedade. E sobre essas discussões iremos observar como e para quê se dá a construção desses silêncios na obra em destaque.

Lourival Holanda visa fazer uma reflexão crítica sobre a teoria do silêncio comparando-a com duas obras: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e em *O Estrangeiro*, de Albert Camus. Na discussão notamos a diferença entre os silêncios utilizados pelos personagens das narrativas. E Roland Barthes traz uma discussão acerca dos tipos de silêncio, fazendo um percurso histórico desde a origem da palavra.

Para Lourival Holanda o autor pode silenciar devido à carência da palavra. De acordo com Lourival “a palavra leva o ser além”. E quando ocorre a ausência da mesma, podemos inferir que o ser tem o modo de percepção de mundo reduzido, pois quem pensa menos, fala menos, o silêncio por não saber utilizar o código, por isso a carência em palavras, pois existe a carência em seu intelecto.

O olhar crítico, asceticamente despregado de sua matéria-prima, não favorece nem a linguagem do dominado, cuja carência (atribuída) descreve, nem a linguagem dos dominantes, que denuncia. (BOSI, apud Lourival Holanda, pag 37, 1992.)

Outro fator que leva o personagem a silenciar, segundo o estudioso, é para manter a moral e os bons costumes. A linguagem pode levar-nos ao desconhecido, porém ela possui “freios”, nem



tudo que pensamos/sentimos/imaginamos podemos por no papel, ao contrário do pensamento e da imaginação. Segundo essa mesma ótica Barthes afirma que: “Há, sem dúvida, toda uma moral mundana que recomenda o silêncio para evitar as armadilhas da fala = tema de moral clássica, a dissimulação.”

Outro ponto que pode motivar a utilização desse silêncio, segundo Lourival Holanda é a opção, ou seja, o personagem escolhe o silêncio. Um texto se articula em um jogo de dizer-se entre diversas possibilidades, mas diversos autores optam por não falar, pois a palavra reduz o que se passa no pensamento, ou seja, o pensamento é amplo, os jogos imaginários que selecionam as palavras e não o contrário, e pela falta de elementos que expressem o que se passa em nosso pensamento, por vezes, o que falamos é diferente do que pensamos, por isso escolhemos o silêncio.

A palavra não diz o tanto que em mim se contradiz. A diversidade de que sou feito, de que me vou fazendo. Descartes pressente a dificuldade da unidade do sujeito. O eu que fala diverge do eu que anda ou produz imagens fantasiosas [...](HOLANDA, Lourival, pag 53, 1992)

O silêncio também pode ser usado como esgotamento ou reserva de forças, segundo Barthes e Holanda. O silêncio, segundo os autores, pode simbolizar esgotamento, quando não se tem mais o que dizer, já lhe faltam palavras, ou, reservas de forças, quando optamos por não falar como tática de para não nos cansarmos diante das pressões.

O silêncio pode ser reserva de força; ou o sinal de seu esgotamento. Nada muda no indivíduo mudo. E mais, o outro pode, daí, aurir sua força. (HOLANDA, Lourival, pag 57, 1992)

Mas o próprio silêncio assume a forma de imagem, de postura mais ou menos estoica, “sábua”, heroica ou sibilina: é uma pose – fatalidade do signo: ele é mais forte que o indivíduo. (BARTHES, Roland, pag 58, 2003)

De acordo com Lourival Holanda, a oratória rouba o sujeito, a linguagem não dá conta precisamente do que é pensado. O sentido que está além do expresso na palavra. O verbo é insatisfatório. “O que se rediz, se reduz.” (Lourival Holanda pag 69, 1992.)

Por fim, esse embate com a palavra leva a uma promessa que nunca se cumpre, dada a vacuidade sempre insatisfatória do verbo. (HOLANDA, Lourival, pag 66, 1992)



Barthes e Holanda defendem que o silêncio faz com que o personagem permaneça indiferente. No momento que somos contrários a determinada doutrina, podemos agir de duas formas, a mais comum é afrontá-la, atacá-la ir de encontro à mesma, a segunda é defender-se, retrair-se, torna-se indiferente ao problema. “Em suma, silere remeteria de preferência a uma espécie de virgindade intemporal das coisas [...]” (Roland Barthes)

Pode-se afrontar um poder pelo ataque ou pela defesa; mas o retraimento, a indiferença, é o que há de menos assimilável por uma sociedade. (HOLANDA, Lourival, pag 69, 1992)

Problema que continua em cena: a reivindicação da palavra, a supressão do direito a expressão. Mas atrás da cena, ou no fundo, de lado, outra demanda procura fazer-se ouvir (mas como?): o direito ao silêncio. (BARTHES, Roland, pag 51, 2003)

De acordo com ambos os autores a ausência da palavra também pode simbolizar a morte. A ausência da palavra é comparada à morte, e a utilização da palavra a reviver. O silêncio denuncia o não poder falar pela ausência de ouvintes, ou seja, o ser encontra-se abandonado socialmente, não tem pra onde correr diante das mazelas da vida, o silêncio remete a solidão, ao abandono social. “[...] silêncio que acusa a solidão social.”. (Lourival Holanda pag 69, 1992) Precisa-se fugir para que se possa encontrar abrigo, diálogo para se ascender diante da sociedade, palavra sinônimo de vida. “[...] a fala, o exercício da fala, está ligada ao problema do poder: é o tema do direito à palavra.” (Apud Roland Barthes)

Outro motivo que leva os personagens a calarem, segundo Holanda é a surpresa, quando não se espera ou desconhece determinada situação, não se pode pensar a respeito dela, por isso silencia-se.

[...] um estilo que permitisse dizer e calar. O silêncio enquanto “figura” que, na concepção pascoalina, é presença e ausência.

Os outros estão todos a falar. No verbo esvaziado, o silêncio eloquente, de refutação, de exigência de depuração, se põe. (HOLANDA, Lourival, pag 79, 1992)

A última motivação para o silêncio que Lourival Holanda e Roland Barthes defendem é a sua utilização devido a arbitrariedade do signo, nos faz inferir sobre a pouca liberdade de seu uso. Além da dificuldade de transmitirmos o pensamento por meio de palavras, pois a palavra reduz a infinidade de possibilidades de um pensamento, ainda existe a problemática entre o dito e o ouvido.



E como a literatura não traz a realidade, mas aponta possibilidades, um texto pode trazer uma infinidade de sentidos e por meio de vozes veladas, elipses, o autor transmite nas entrelinhas, é o não dito que faz-se dizer. Ou seja, o que o discurso anula, o silêncio traz. “[...] o silêncio tem de fato uma substância “faladeira” ou “falante” ele é sempre o implícito.” (Roland Barthes pag 51, 2003)

Tábuas estreitas limitam o texto entre o arbítrio do signo e a pouca liberdade de seu uso. O espaço da pugnacidade se estabelece entre a lei (gramatical) e a labuta pela singularização – onde o acaso toma larga parte; mas onde é a escolha o que funda o texto e o limita, permitindo assim ao sujeito, plural, tomar configuração uma. (HOLANDA, Lourival, pag 86, 1992)

## **A OBRA**

O conto trata-se da estória de dois rapazes, Raul, separado, vindo de um casamento fracassado, Saul, solteiro, mas teve um noivado de longos anos. Ambos advindos de localidades distintas, um do sul e o outro do norte. Eles passam a trabalhar em um mesmo escritório, logo começam um coleguismo de trabalho, que com um tempo passa a ser uma bela amizade. Os protagonistas, trocam músicas preferidas, filmes, e logo essa relação afetuosa, vai estreitando os laços entre ambos, e eles passam a sentir uma falta, dependência, quando não estão juntos. Na noite de Natal, Saul e Raul comemoram juntos, brindam, festejam, e Saul, após ter bebido muito, decide dormir no quitinete de Raul. Durante a noite eles se desejam, mas não tomam nenhuma providência para sanar esse anseio. Em janeiro, o chefe do escritório em que eles trabalhavam, chama-os para uma conversa, na mesma ele expõe que não quer mais o trabalho de ambos em sua repartição, justificando que entre eles havia um relacionamento “anormal”, “desavergonhado”, que não os queriam trabalhando por lá. Ambos arrumam suas coisas, saem juntos e pegam o mesmo táxi; e todo o pessoal da firma passa a observar a saída deles.

## **PRESENÇA DO SILÊNCIO EM CAIO FERNANDO ABREU**

Na narrativa “Aqueles dois”, tenho o objetivo de analisar as marcas de silêncio presentes, com o intuito de justificá-las, ou seja, analisar se o silêncio faz referência a omissões, opressões, expectativa, dentre outros motivos.

Atentando para a questão do silêncio, pudemos notar proporções do silêncio nas seguintes passagens:



Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra — talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum se perguntou.

Esse trecho, explica que Saul e Raul eram seres diferentes, daqueles da repartição. Eles se assemelhavam, mas evitavam falar sobre essas semelhanças. Essa ausência do questionamento, o silenciar diante das descobertas das semelhanças, das afeições, nos leva a pensar sobre o conflito interno que se passava na cabeça dos personagens. Eles sabiam que eram distintos dos outros, mas que se assemelhavam, Saul e Raul. Porém achavam melhor não comentar, silenciar, pois se tratava de um assunto que precisava de “freios”, por ser é mal visto pela sociedade. É o que Barthes afirma: “Há, sem dúvida, toda uma moral mundana que recomenda o silêncio para evitar as armadilhas da fala = tema de moral clássica, a dissimulação.”

Veja o trecho seguinte:

Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava — vezenquando *El Día Que Me Quieras*, vezenquando *Noche de Ronda* —, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel, pousado no seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam.

Ao observar o animal dado pelo parceiro, Saul sorri, ele não emite palavras, mas essa felicidade que não é pronunciada é advinda da relação saudável que ambos vivenciavam. A linguagem pode levar-nos ao desconhecido, porém ela possui “freios”, nem tudo que pensamos/sentimos/imaginamos podemos pôr no papel, ao contrário do pensamento, da imaginação. O silêncio faz o leitor imaginar, diz o que não pode ser dito, o que é mal visto, o que fere com a moral.

Agora observe a seguir:

Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender.

Esse silêncio, o não mencionar do afeto por meio de palavras de carinho, de paixão de desejo, pode ser advindo também da confusão emocional que se passa dentro do próprio ser que vivencia-o, ou seja, Saul e Raul. Existe uma ausência da palavra, pois ela não esboça a emoção, o sentimento. A palavra não expressa à amplitude do sentimento. O que falamos, por vezes, é diferente do que pensamos, sentimos, por isso escolhemos o silêncio. O silêncio e as ações esboçam o envolvimento. Como afirma Holanda:

A palavra não diz o tanto que em mim se contradiz. A diversidade de que sou feito, de que me vou fazendo. Descartes pressente a dificuldade da unidade do sujeito. O eu que fala diverge do eu que anda ou produz imagens fantasiosas [...](HOLANDA, Lourival, pag 53, 1992)

Veja a seguir:

Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um conseguia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã, Saul foi embora sem se despedir para que Raul não percebesse suas fundas olheiras.

No trecho acima, podemos notar que o desejo, o afeto, a dependência que os personagens sentem um pelo outro, não são explicitados por meio de palavras, pois, por se tratar de uma afeição entre homens, poderia causar um estranhamento do próprio leitor. Por se tratar de um romance mal visto para a sociedade, para a moral, os próprios seres que vivenciam o sentimento, não o exprimem por meio de palavras, somente por meio de gestos, pelas entrelinhas, pelo silêncio. Os próprios



personagens se veem queimando pelo desejo, mas preferem silenciar, pois trata de algo obscuro, imoral.

Esse silêncio estaria voltado para as “questões morais” da sociedade. Por se tratar de hábitos ilícitos, imorais, procura-se não comentar a respeito, pois trata-se de algo vergonhoso aos olhos do povo, digno de repúdio.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, é notória a importância do elemento silêncio na estrutura composicional da narrativa, ela omite assuntos que geram desconforto, polêmica e por isso são silenciados, além da questão da carência da palavra, a mesma não consegue por si só exprimir o desejo, o silêncio leva-nos a imaginar, leva-nos além.

Por isso, se faz importante o estudo do silêncio e não só da palavra, pois ambos possuem motivações e fazem críticas acerca de problemas da sociedade. No texto em destaque, é notório como o personagem, muitas vezes, tem que silenciar seu sentimento, por ser mal visto pela sociedade. É a arte imitando a vida.

### **REFERÊNCIAS**

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.

HOLANDA, Lourival. Sob o signo do silêncio: Vidas Secas e o Estrangeiro. São Paulo, 1992. Editora da Universidade de São Paulo.

ABREU, Caio Fernando. Morangos mofados – 11 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo – teoria, história, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

CHAPLIN, Letícia da Costa. O ovo apunhalado e Morangos mofados: retratos do homem contemporâneo. Porto Alegre, 1999. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

BARTHES, Roland. (2003). *O neutro*. São Paulo: Martins Fontes.



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

ORLANDI, Puccinelli Eni - As formas do silêncio: No movimento dos sentidos - São Paulo:

Editora Unicamp – 2011.

HOMEM, Maria Lucia, - No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarisse Lispector -

São Paulo: Edusp - 2012